



S

S

S

S

S

S

L
y
d
i
o

L
i
d
r
e
c
u
r
s

L
i
d
r
e
c
u
r
s

L
i
d
r
e
c
u
r
s

S

S

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GRADUAÇÃO EM CINEMA
DISCIPLINA: ESCRITA CRIATIVA
PROFESSOR: MARCIO MARKENDORF
2016.02

CONTOS RIDÍCULOS

LYDIA ZANI

ÍNDICE

PREFÁCIO AO QUE CONTA.....	05
ANA.....	06
MIGUEL.....	09
BRUNO.....	14
L.....	18
ALGUMA COISA A VER COM BRUXARIA (COLETIVO).....	20
GLAUCO.....	22
LENA.....	26
RAFAEL.....	27
CAROL.....	33
CARMEM OU A VIDA DENTRO DE UMA PANELA DE PRESSÃO.....	37
POSFÁCIO - KARL.....	43



PREFÁCIO AO QUE CONTA

Alguns contos.
Alguns nomes próprios (ou quase isso).
Alguns tempos crônicos
[tiquetaquear do relógio;
o farfalhar das páginas do calendário].
Alguns tempos aiônicos
[o pulso - que ainda pulsa -;
os vários pulsos que passam de um larghetto a um allegro;
pulso que leva o sangue das vidas que pulsam nas linhas,
veias crônicas,
contos viscerais].
Alguns amores e várias sensações que contam histórias.
Contos que deslizam de um realismo
do provável e do ordinário
apaixonante
a um surrealismo
improvável e extraordinário
não menos vívido!
Contos pulsantes que dragam a mente às histórias,
furta o interesse pela lógica e pelo juízo que diriam do
impossível...
Às favas com o impossível!
Tudo aqui é ridiculamente interessante,
interessado e desejante.
Eis o que conta: o desejo.

Luiz Augs
(Dezembro de 2016)

Ana

"Será, que será?
O que não tem certeza nem nunca terá
O que não tem conserto nem nunca terá
O que não tem tamanho"

Festa. Noite fria. Velas em vidros "de conserva" e fitas penduradas nas árvores do jardim. Alguns amigos tocavam violão em volta de uma fogueira. Ele estava muito alto. LSD. Quando a viu pela primeira vez, o tempo congelou. Ficaram se olhando, de pé, de frente um para o outro, na semi escuridão entre as árvores - um minuto? 1 mês? - Toda a natureza dançava em volta deles, faíscas da fogueira rodopiavam no céu. Ela o encarava com olhos castanhos astutos e divertidos. Era tão pequena fisicamente, mas parecia estar envolta em uma imensa aura de força, um imã. Quando ela veio ao seu encontro sentiu a antecipação de algo divino. Não conseguiu falar. Beijaram-se, caminharam até a praia próxima, esconderam-se entre as árvores e as pedras e uniram-se ao universo.

Na manhã seguinte acordou arranhado e cheio de folhas nos cabelos cacheados. Ela ainda dormia enrolada em seu casaco na areia fina. Já não eram deuses e seu corpo todo doía. Viu a pequena bolsa dela em meio aos tecidos de sua saia longa azul. Pegou. Achou alguns documentos. Ana Rosa, estudante de Química, nascimento 10/02/1956 - aquariana, 22 anos -, paulista. Estudavam na mesma faculdade, quem diria? Ela acordou e o surpreendeu com seus documentos nas mãos. Riu. "Podia ter me perguntado. E qual seu nome?".

As semanas se passaram.

De vez em quando se encontravam pelo campus da universidade.

De vez em quando "fumavam um" e ela dormia em seu apartamento.

De vez em quando ela fazia comida vegetariana e levava pra ele - tinha esperança que também deixasse o "funesto hábito de comer cadáveres".

De vez em quando tomavam banho juntos e depois ele lhe fazia massagem enquanto ela lia os noticiários, esbravejando contra os jornais e os militares.

De vez em quando ela falava-lhe sobre meditação, karma, dharma, tantra e Osho.

De vez em quando ele a encontrava com os amigos e ficava quieto enquanto eles conversavam sobre política, movimentos na rua, censura e estratégias pacíficas.

De vez em quando ele dizia que ela mirabolava muitas teorias da conspiração.

De vez em quando ela falava sobre seu desejo de se juntar a comunidades alternativas.

De vez em quando ele jantava com seus pais que lhe diziam preocupados que o tinham visto andando com "esses hippies drogados".

De vez em quando ela falava sobre amor livre.
De vez em quando ouviam Chico.
De vez em quando voltavam à praia.
De vez em quando trocavam carinhos em silêncio.
De vez em quando ela pensava nele e deixava de ficar com outros caras.
De vez em quando ele sentia saudade e ficava angustiado andando de um lado para o outro.
De vez em quando ela ficava contemplativa observando a luz do sol da manhã nos cabelos dele.
De vez em quando ele pensava que era muito jovem para gostar tanto de alguém.
De vez em quando ela pensava que a vida podia ser curta demais para que vivessem separados.
De vez em quando ele queria fugir.

"Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio o vento
Na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade"

O término foi no final de julho de 78, 4 meses depois. Ele disse que era muito jovem e que não tinha planejado um relacionamento. Não podia se envolver tão seriamente com quem quer que fosse. Ela não quis acreditar e tentou dissuadi-lo. Confessou sua paixão. Ambos choraram. Ela deu-lhe um colar de ametista que havia feito pra ele, ele deu-lhe um anel de coco. "No futuro, quem sabe?" - disseram. Ela bebeu muito. Foi consolada pelos amigos do grupo de teatro. Deixou de ir às aulas por duas semanas. Pintou o quarto. Cuidou do jardim de casa, plantou girassóis perto do mar. Ele ficou só. Não dormiu algumas noites. Foi para as aulas todos os dias. Via-a de relance em todas as garotas baixinhas que passavam. Saiu com algumas mulheres. Por dois meses, não conseguiu passar a noite com nenhuma.

"Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado"

A notícia o atingiu como uma pedrada. "Ana desapareceu" - disse um dos companheiros de teatro dela - "achei que você devia saber". Ele cambaleou. Sentou. Quis saber o que aconteceu. Foi durante um ato de protesto. Ana era uma das que estava à frente da grande passeata contra a censura. Jogaram flores nos militares, a resposta foi violenta. Milhares de estudantes correndo, gritos, sangue. Não foi só ela que desapareceu. "Os militares negam qualquer envolvimento, dizem que devem ter fugido do país, mas a conhecemos. Sabemos que

foi pega”.

“Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim”

Depois de alguns anos desistiu de procurá-la. Preferia não pensar em tortura, estupro e assassinato e sim acreditar que de alguma forma pacífica Ana transcendeu para alguma dimensão onde os seres eram melhores. Retornou à faculdade, continuou os estudos, virou mestre em Filosofia. Estudou Osho, teatro e meditação. Virou vegetariano. Casou. Teve dois filhos, Ana e Carlos. Ensinou-os a tocar Chico no violão e, desde o sumiço de Ana, foi a todos os protestos, atos e passeatas que pôde.

Miguel

Dia 13 de julho de 2021.

Ele para e chama o elevador. Sua. Treme. Os cabelos molhados da corrida recente na chuva grudam em seu rosto. O elevador desce vagaroso. Irrita-se, chuta a porta. Pondera ir pela escada. Decide esperar. Os olhos verdes crispam como relâmpagos. Ouve o vento uivando do lado de fora do edifício. Ouve o próprio coração como um bumbo dentro do peito. O elevador abre as portas. Entra carregando a pesada mochila socada com roupas e papéis. Aperta o 67° andar. As portas se fecham. Suspira. A cabeça gira. Memórias... Memórias... Memórias bagunçadas e pensamentos correm na velocidade da luz prédio acima.

1° Andar

“NÃO É MENTIRA. ESTARÁ TUDO PRONTO. POR FAVOR, VENHA”.

O recado fora enviado para seu celular de um número desconhecido naquela manhã. Os últimos sete dias também foram assim, cheios de recados. Os mais absurdos. Não havia número, não podiam ser respondidos, não havia como fazer perguntas.

3° Andar

Os olhos ardem. O homem alto se encolhe no chão do elevador. Lágrimas descem tímidas por sua face. Sente uma dor imensa no peito. Sente-se zozzo. É tudo muito absurdo. Muito repentino. E essa história de viagem no tempo que não faz sentido nenhum? Estava disposto a tentar qualquer coisa.

6° Andar

Flashes... Lembranças...

Oito dias atrás. Aquela hora alaranjada pelo pôr-do-sol. Ele olhava distraidamente para Miguel sentado a sua frente na lanchonete. Absorto em pensamentos, observava, mas não ouvia o que o homem miúdo de cabelos loiros dizia. Mirava, através do vidro da lanchonete, o alaranjado do céu refletido nas poças d'água formadas pela chuva recente no asfalto. Pensava nela. Miguel chamou sua atenção fazendo gestos pornográficos. Outras pessoas olharam feio para os dois. Riram. Miguel tirou a carteira e lhe passou algumas notas de dinheiro por baixo da mesa. Agradeceu o amigo. Prometeu devolver logo. Estava feliz. Poderia ir ao cinema a noite... Com ela. E quem sabe até algo mais... Miguel sorriu com olhos cúmplices e conformados. Pagaram o lanche. Despediram-se ao atravessar a estrada. Miguel, o nariz escondido no cachecol para se proteger do frio, desceu o morro da rua principal e desapareceu entre as luzes rosadas do fim

de tarde molhado.

11° Andar

O elevador dá alguns estalos e para. O homem pega o celular e olha a hora. Está em cima do laço. Ele tenta apertar o botão para o elevador prosseguir, mas as portas se abrem e surge uma mulher que encara a cena assustada. Ela decide entrar mesmo assim. Passa por cima da grande mochila dele e fica de pé a seu lado. Aperta o 32° andar. Ele, ainda sentado no chão, a observa. Ela parece nervosa. Ele levanta. Seguem prédio acima em silêncio. Ele tem vontade de se aproximar. Permanece mudo. Percebe que ela o observa de canto de olho. Ela mexe na bolsa, tira um lenço de papel e o oferece. Ele pega o lenço e enxuga o rosto. Tenta imaginar como está sua aparência. Sorri para ela. Ela parece respirar mais aliviada.

21° Andar

Ele encosta na parede lateral do elevador e fica virado para ela. Pensa em quando tocará em uma mulher novamente. Pensa em todas as suas relações fracassadas. Pensa na loucura que estava prestes a fazer. Os pensamentos se embaralham. Ela encosta na parede oposta e o encara. Permanecem se olhando por algum tempo, não sabem o que dizer. O tempo parece passar com vagarosidade dentro do elevador. Estabelece-se uma espécie de acordo mudo entre os dois desconhecidos. Sorriem um sorriso triste. Ele devagar desencosta da parede e se aproxima dela. O cabelo pinga em seus olhos. Espera. Ela entende. Desencosta da parede oposta e se aproxima dele. Ele toca em seu rosto. Ela toca em sua mão. Ele a abraça e ela o acolhe.

32° Andar

A porta do elevador abre e ela se desenlaça dele. Aperta sua mão, olha-o nos olhos por uns instantes e sai sem olhar para trás. Ele pensa nas coisas estranhas que acontecem antes da morte. Sacode a cabeça. Morte. Um tipo de morte... Das coisas, do tempo, da vida conhecida. Pensa no abraço que acabou de receber e se pergunta se existe alguma entidade que está acompanhando sua jornada, um anjo, coisa assim, que pode ter posto esse abraço em seu caminho. Agradece-o silenciosamente, caso exista.

37° Andar

Ele observou Miguel cair da roda do parquinho na praça. Percebeu o amigo meio bêbado pela primeira vez. 16 anos. Primeiro salário. Miguel se apoiou em seu braço e conseguiu novamente ficar de pé. Não foi fácil convencê-lo de que sua bunda já não caberia no balanço das crianças. Sentaram-se num banquinho de cimento, sob a luz amarela de um poste que falhava de vez em quando. Miguel parecia bastante

tonto, fechou o sorriso e ficou em silêncio de repente. Passaram-se alguns minutos. Miguel permanecia mudo, deitou-se no banco e passou a observar as mariposas em volta da luz. Quando falou, sua voz era de confiança, baixa e rouca. "Acho que sou gay", disse num murmúrio.

45° Andar

"A MÁQUINA ESTÁ CONFIGURADA PERFEITAMENTE PARA A VOLTAR AO ÚLTIMO DIA 13. VOCÊ DEVE ENTRAR E COLOCAR QUALQUER BAGAGEM NO COMPARTIMENTO À DIREITA. APÓS A VIAGEM, A BAGAGEM APARECERÁ NESTA MESMA SALA, NESTE MESMO PRÉDIO. BUSQUE-A MAIS TARDE. PRENDA-SE AOS CINTOS, APERTE O BOTÃO AZUL E AGUARDE A HORA CERTA. A MÁQUINA VIAJARÁ EXATAMENTE ÀS 17:37.

O homem ajusta a grande mochila nas costas. Quase lá. As mãos tremem. Pensa nos filmes de viagem no tempo que viu. Pensa nas imagens de santos que sua mãe tem em casa. Pensa no velho cachorro abanando o rabo no portão. Pensa em Miguel, em Miguel, em Miguel...

53° Andar

Sempre gostou de mulheres. Sabia da possível paixão do amigo por ele, mas achava que nunca poderia corresponder. São complicadas questões sexuais, dizia para si mesmo. Sentia um grande afeto por Miguel. Era a pessoa que melhor o conhecia no mundo. Era a pessoa que sempre o ouvia, que participava de todas as suas loucuras. Um dia, aos 18 anos beberam demais e Miguel o beijou dentro do carro. Foi bom. Foi estranho. Foi complicado. Miguel pediu desculpas e capotou no banco do carona. No dia seguinte não lembrava de nada, preferiu deixar assim. Mas, pensava enquanto o elevador se deslocava prédio acima, mas devia ter um jeito. Se tivéssemos feito um ménage de repente, né, Miguel? Você tentaria? Se fossemos mais abertos... Eu poderia transcender essas questões sexuais, mundanas, menores. Eu poderia transcender...

60° Andar

Ele caminhava tranquilamente pela calçada agora seca pelo sol da manhã. Entrou na padaria, pediu 5 pãezinhos. No caixa, viu a capa dos jornais do dia - reforma de escola no bairro próximo, época de calor se aproximando, acidente nas rodovias esburacadas... E aquela imagem, aquela imagem medonha do jornal policial que ele sempre achou absurdo que circulasse. As pessoas não têm mesmo nenhum respeito. Passou rápido os olhos pela foto da capa, um corpo ensanguentado jogado na calçada, um rosto tão inchado e arroxado, com os olhos vidrados, que era difícil acreditar que fosse humano. Não sei como vocês têm coragem de vender isso. Comentou com o rapaz do

caixa. É o que mais sai, respondeu o jovem mal-humorado. Ele pagou os pãezinhos e saiu da padaria. A ficha caiu aos poucos. A imagem medonha do jornal sensacionalista voltou a sua cabeça por um segundo. Lembrou do cachecol enrolado no pescoço da massa meio amorfa do que fora um ser humano. O cachecol... O cachecol xadrez... Voltou correndo. Esbarrou nas pessoas da fila do caixa. Agarrou o jornal e observou a foto mais atentamente. Foi sentando no chão, enquanto as lágrimas começavam a descer por sua face. Apertou o jornal contra o peito. Algumas pessoas tentaram levantá-lo mas ele não quis. Grupo neonazista faz mais uma vítima, dizia a manchete. Não pode ser! Não pode ser! Como ninguém me avisou? O celular! O celular que ficou no carro dela! Não acredito, não acredito. Seus pensamentos voavam.

67° Andar

"LEMBRE-SE, VOCÊ REJUVENESCEMOS ESTES DIAS, MAS MANTERÁ TODA A MEMÓRIA. NÃO HAVERÁ DOIS DE VOCÊ NO MESMO ESPAÇO-TEMPO. IMPEÇA O ASSASSINATO DE MIGUEL!"

As portas abrem e ele sai correndo com a grande mochila. Vira à direita num corredor comprido e finalmente chega na última sala. Ela é toda envidraçada e é possível avistar toda a cidade ali de cima. A máquina cheia de pequenas luzes azuis brilha no centro do grande cômodo. É uma estrutura fina e alta, em formato cilíndrico que quase alcança o teto. Olha o relógio 17:33. 4 minutos! Entra na máquina apertada e rapidamente encontra o compartimento destinado à mochila. Não cabe. Não tenho tempo pra isso! Joga a mochila para fora da máquina e começa a analisar todos os botões e visores ao seu redor. Encontra o local que mostra a data e hora exata em que estava com Miguel na cafeteria alguns dias atrás, horas antes do... São 17:36. Aperta velozmente o botão que decresce a data. 1 ano antes. 3. 5. Volta pra aquele dia, aquele do carro. Aquela hora do beijo. Aperta o botão azul que ativa a máquina. "É isso, Miguel! Se isso funcionar, se existe uma chance, vamos viver isso desde o princípio". A porta da máquina se fecha. É claustrofóbico lá dentro. Pensa na reação que seus pais do passado terão ao anunciar sua relação com um homem. Pensa que ficará sem casa e pensa em suas coisas do lado de fora da máquina. Pensa na mulher que o abraçou e pensa no possível anjo. A máquina começa a emitir um zunido alto, uma forte luz azul inunda toda a estrutura. "Desculpe por mudar os planos, anjo, seja lá você quem for..."

A voz empostada de um homem soa nos minúsculos mas potentes alto-falantes do antigo aparelho mp67: "Será que ele encontrará Miguel? Quem é a misteriosa moça do elevador? A máquina o levará para o lugar certo e os dois jovens conseguirão viver seu grande amor? Não perca o próximo episódio de "Tempo de Amar", aqui na nossa "Sessão

Retrô séc. XXI”!

A velha senhora desliga o aparelho estalando os dedos. Caminha até a porta do antiquário resmungando, “eles sempre terminavam na hora mais emocionante, espertinhos”. Hora de fechar. Sai. A pequena casa autotranca-se. A velha senhora sobe em seu discreto patinete-voador e sai flutuando pelas ruas de vidro.

Bruno

Céu claro. Duas da tarde.

Horário não muito bom pra esse tipo de conversa.

Essa espera, espera, espera, espera que mata. Dez minutos atrasada.

É impressão minha ou está quente? Fala consigo mesmo.

Começa a suar levemente, tira o casaco, torce as mãos. Confiança! Precisa ser dito.

Ela finalmente se aproxima do banco em que ele está recostado no pátio da universidade. Sorri. O sol batendo em seu rosto faz com que seus olhos pareçam mais amarelos e o cabelo ainda mais alaranjado. Aquele momento de contemplação.

Tão linda, tão serena.

Nervosismo volta.

Seja o que Deus quiser.

Tensão.

Ela lhe dá um beijo.

- Oxi, que foi, Bruno? - diz, contrariada.

- O quê?

- Você mal me beijou.

- Me distraí.

- Sei - diz, visivelmente magoada, ruguinhas aparecem em sua testa.

Ela encosta ao seu lado no banco. - Aconteceu alguma coisa?

- Aconteceu, Clarice! - diz ele sério. Não consegue prosseguir. Silêncio. Os olhos dela enchem d'água.

- Eu já sei. Nem precisa continuar. Percebi você estranho nos últimos tempos. Distante.

- Desculpe...

- Mas olha, prefiro mesmo não ouvir, que é pra depois não ficar lembrando, tá? - Ela se afasta uns centímetros do corpo dele; olha pro horizonte. - Bruno, eu gosto de você, visse? Mas sei que essas coisas acabam. Vou te respeitar. Dar teu espaço. Esses últimos três meses foram muito bonitos... - A voz falha, embargada.

- Espera, Clarice, você está entendendo errado.

Ah, meu Deus, ela vai acabar indo embora!

- O que é então?

Lá vai. É hora.

Eita. O texto preparado emperra. Da branco. Ela o observa com olhos curiosos. Os segundos passando.

- Eu estou grávido! - ele solta de uma vez e a encara ansioso. Ela continua olhando pra ele, esperando alguma continuação. - Não tô brincando. Tenho um exame de laboratório. Um ultrassom... Por isso

andava sumido.

Ele pega a pasta com a papelada e as fotos do ultrassom e estende pra ela. Ela permanece muda. Parece duvidar de sua sanidade mental. Olha para os lados com um ar que oscilava entre incomodada e divertida. Pega os documentos e os analisa.

- Não tô entendendo nada, isso é ridículo, você é hermafrodita ou alguma coisa assim? - diz ela quase rindo.

- Não sei como aconteceu. Ninguém sabe direito. Só sei que tava me sentindo meio estranho, enjoado... Uns desejos...

- Bruno... - ela interrompe gargalhando.

Ele responde bravo.

- Olha, só sei que o filho é seu!

- Bruno, ainda que você tivesse um útero, ainda que fosse humanamente viável um homem engravidar, eu não tenho espermatozoides, como eu engravidaria você?

Ele olha pra ela chocado.

- Você acha que eu tô mentindo? Por que eu inventaria isso, Clarice? Olha de novo os papéis.

Ela fica um longo tempo em silêncio. Ele aguarda torcendo os dedos.

- Mas como? - finalmente diz ela, finalmente transtornada. - Onde você tá querendo chegar com isso?

- Bom... Eu não tenho óvulos, então... O mais provável é que o espermatozoide seja meu e o óvulo...

Ela empurra os documentos pra cima dele.

- Olha, eu tô começando a me sentir meio pressionada aqui. Quer saber? Como você pode ter certeza de que esse filho é meu, Bruno?

Ele fica perplexo. Magoado.

- Amor, você sabe que nunca tive ninguém antes de você.

- Não vem com essa de "amor". Isso é o que você diz. E enquanto estava comigo, como vou saber que não houve outras? Só nos vemos dois ou três dias por semana... Esse óvulo aí pode ter vindo de outro ovário.

Ele guarda a pasta.

- Claro que não, meu bem. Você sempre sabe onde estou.

Ela senta no banco. Passam alguns amigos e os cumprimentam. Perce

bem o clima tenso entre os dois e se apressam em se retirar.

- De quanto tempo você está?

Ela bate o pé esquerdo, inquieta. Ele se senta ao seu lado.

- Seis semanas - responde, tímido.

- Puta que pariu! Mais de um mês! Pílula do dia seguinte nem pensar, talvez se tomar várias... Ou um chá bem forte de arruda com canela...

Ele põe a mão sobre a barriga, protetor. Ela amarra os longos cabelos ruivos numa trança.

- Mas quem disse que eu quero tirar o nosso bebê?

- Que "nosso bebê", Bruno? Olha o que você tá falando! Eu tenho 21 anos, porra! Como eu vou sustentar um filho? Isso ia acabar com a nossa vida.

- Não chama nosso filho de "isso"! - diz ele, e continua, apaziguador - olha, você não pensa que talvez ter esse filho seja o caminho mais natural? Quando dois animais, macho e fêmea, jovens e saudáveis, se unem e geram um filho, talvez o melhor seja abrir caminho pra vida, não?"

- Bruno! Não vai me dizer que você já está apegado a isso daí! Aí você me ferra. Você é homem, vai me falar de caminho natural? A gente não tinha combinado nada disso, eu me cuidei, agora o problema é seu!

Bruno levanta consternado.

- Ah, porque você não sabia do risco quando resolveu entrar na "vida sexual adulta"? Estamos sujeitos, Clarice. Achei que você como mulher compreenderia. Você não é "cabeça aberta"?

Ele caminha de um lado para outro.

- Mas eu quero poder escolher quando vou ter filhos, criatura! - diz ela beirando o desespero.

- E eu quero sentir o bebê se mexer! Você pode querer escolher, Clarice, mas uma coisa é impedir a concepção, outra bem diferente é acontecer um acidente a que você estava conscientemente sujeita e portanto assumiu os riscos e agora querer matar um serzinho que já está na minha barriga! E que eu quero! - diz ele aos berros.

Pessoas que passavam em volta olham assustadas. Não sabem se intervêm ou não. Percebe-se que temem que Bruno pode ser violento com Clarice.

- Está bem. Se acalme. Fale baixo!

Ele senta novamente no banco, não olha pra ela. Ela suspira e continua.

- Desculpa, entendo que você tenha criado um vínculo com a coisinha e tal, mas não dá, Bruno. Olha, de minha parte, lembrei de um conhecido que consegue uns comprimidos, são dois, coisa boa mesmo, bem caros, eu pago. Toma um hoje, um daqui há 7 dias. Várias amigas já tomaram. Fico com você na sua casa esses dias, pra te ajudar porque você vai se sentir fraco. Aceita, Bruno. Não vai ser muito agradável, mas é o que posso fazer por você. Assim me sinto de consciência tranquila porque pelo menos ofereci uma solução. Você não precisa ser uma aberração e logo a gente está livre disso tudo e pode voltar a ter uma relação tranquila e feliz.

Ele sente lágrimas rolando pelo seu rosto. Fala calmamente.

- Clarice, eu não vou tirar. Você não precisa assumir nada. Pode desaparecer.

Ele levanta, ajeita sua bolsa para ir embora.

Ela o encara, atônita, acusadora, os olhos cheios d'água.

- Eu sabia que você ia terminar comigo hoje, Bruno!

L

Querido Pedro,

Faz muito tempo, não é? Acredito que você fique surpreso com esta carta. Estou viva. Sim. Ainda. Fui perseguida por causa dos protestos contra o golpe e sigo escondida num lugar distante, acredite, bem distante de você. Há quanto tempo estou aqui não tenho certeza... Droga. Aqui, afastada de tudo, os anos passam tão iguais que sinto que começo a enlouquecer. Acho que me esqueceram aqui. Não sei se já posso voltar. Não sei se meus companheiros estão vivos. Talvez eu já não seja importante e todos tenham realmente esquecido minha existência. Guardo com carinho o retrato que trazia comigo no dia que fugi. É como guardo vivas as lembranças dos meus queridos e de mim mesma quando era jovem e ignorante do mundo. É um retrato de meu aniversário de 15 anos, lembra? Você estava lá. Convidado especial. Meio deslocado naquela casa pobre, mas era bom pra sua imagem de bom samaritano, não era?

Sinto fome. Faz três meses que o senhor que descarregava a comida aqui deixou de vir. Acredito que foi preso ou morreu. Não sei se me delatou. Talvez acreditem que eu vá morrer de fome e que não é preciso vir me buscar. Talvez estejam certos. O restinho de fubá acabou ontem. Um rapaz muito pobre passa aqui perto a cada 15 dias e me traz uns pães secos. Às vezes sinto ganas de sair a pé mesmo. Uma semana talvez, caminhando, e eu encontre uma estrada que leve para algum lugar.

Você provavelmente não me reconheceria. Tenho rugas, estou pele e osso e tem a cicatriz que me fizeram no rosto. Ela é que mais me preocupa. Mesmo que eu tente esconder ou fazer outra em cima pra disfarçar todos sabem destas táticas. Logo desconfiam e denunciam, pelo menos é isso que o rapaz me diz. Os pais dele também eram fuggitivos, foram encontrados e desapareceram, acho que por isso ele se importa e me traz comida.

Mas, sabe, a verdade é que presa nessa casa no fim do mundo, já revii toda a minha vida cem vezes. Agora lembro de inúmeras coisas que tinham se perdido da minha memória. Sim. Fique nervosa. Lembro do que me fez. Lembro do divã! Sim, do divã! Quando olho sua imagem entre meus familiares no pequeno retrato tudo que sinto é asco e raiva, tanta raiva... E é sobre isso que quero falar.

Sabe, fico imaginando a reação da sua família ao saber dos seus fetiches macabros. Tenho muito tempo para imaginar... Se bem conheço gente de sua laia, sei que espalhar isso destruiria sua reputação não é mesmo? Ainda que fosse só um rumor... Ainda que fosse só uma carta enviada para a pessoa certa. Imagine você, enviada para um jornal ou para sua esposa... Um médico tão correto que drogava jovens mulheres em seu tão bem conceituado consultório. Viraria notícia, certamente. Um psiquiatra tão importante, respeitável. A diferença de idade nunca foi um problema não é mesmo? Com quantas outras

peessoas você fez isso? Quantas mulheres deitaram no seu divã, dr. Pedro? Você achou que essas memórias nunca voltariam? E todos o considerando um homem tão cristão e cheio de boas intenções por atender gratuitamente os pobres no fim de semana, ou melhor, "as" pobres. Lembro das inúmeras vezes que me despiu e transou comigo no divã, dr. Pedro. Lembro de tudo. Do seu toque asqueroso, do seu suor pegajoso, dos seus grunhidos e do seu cheiro forte de perfume caro. Imagino você agora, 20 anos mais velho que no retrato e me pergunto se sua aparência ficou ainda mais repulsiva.

Lembro de você me dizendo que a hipnose era o melhor tratamento para epilepsia e que os ataques é que deixavam meu corpo dolorido. Lembro de você dizendo que a medicação ajudava no transe hipnótico. Lembro das suas festinhas particulares e dos outros ricos que frequentavam os porões da sua casa, políticos, advogados... À noite, tenho pesadelos com as memórias e acordo em pânico sentindo sob mim o veludo bordô. Nunca soube quem me denunciou, mas agora eu lembro de você se despedindo. Aquela despedida certamente era final. Você me enviou pra morte, não foi? Para os censores. Para a tortura.

Mas eu vou me vingar...

Durma bem, querido, que você tenha lindos sonhos e dias felizes antes de os jornais e as revistas começarem a circundar sua casa e investigar seu porão... Ou de a sua esposa pôr veneno em seu café. Aliás, as demais cartas foram enviadas alguns dias atrás, então... Bom fim.

Com amor,

L.

A mulher de cabelos ruivos com raízes brancas, fechou o livro e o colocou sobre a mesinha puída ao lado do sofá. Era uma encadernação barata, dessas de R\$ 1,99, com uma arte colorida demais e letras laranja-metalizadas na capa, "Cartas de L". Que bobagem, pensou a mulher, caminhando até a pequena cozinha que ficava no mesmo cômodo e requeitando um café. Essa menina não tinha família? Ninguém deixaria a filha ir numa consulta sozinha na casa do médico... A mulher acendeu um cigarro, deu uma tragada e apoiou o braço na basculante. Repassava tão distraidamente em sua cabeça o último episódio da novela das oito que sequer viu a filha chegar em casa, sonolenta e dolorida, e se jogar na cama após o estudo bíblico depois do culto de domingo.

Alguma coisa a ver com bruxaria (conto coletivo)

Ninguém estranhou quando os adolescentes começaram a pular da ponte. No começo eram um ou dois por dia, mais tarde dez, quinze. Aos poucos, assistir suicídios virou o programa favorito de alguns aposentados sentados em suas cadeirinhas de praia no fim da tarde.

Apesar da epidemia de suicídios, a rotina permanecia. A soberania do comer, dormir, acordar e trabalhar. De novo e de novo tudo permanecia normal. Assim como o analgésico que alivia a dor. Foi uma cirurgia sem dor. A anestesia tomou conta da percepção. Amputavam as vontades. Amputavam os sonhos. Amputavam a vida.

Ninguém estranhou quando as pontes caíram e a ilha ficou isolada do continente. Todas as pessoas que estavam lá, ficaram lá mesmo. Até quem era do continente. Não havia luz e comunicação, pois tudo chegava por cabos que estavam na ponte. Não notaram, mas igualmente não havia internet.

Alguns automóveis prestes a cruzá-las deram meia volta, os que nelas estavam continuaram por uma rota aquática para sei lá onde, ninguém se pôs a resgatá-los. Outros carros, menos ousados, permaneceram em frente às ruínas, o novo cartão-postal da cidade.

Às vinte horas, quando estava acabando, o jornal anunciou, sem profundidade alguma de contexto, sem interesse, tampouco delongas alguma: as pontes caíram. Típico de uma cidade que com tanta gente, essa gente toda, que facilmente olha, mas não vê, desprezaria umas pontes caídas por aí.

Os ambulantes entraram em sistema de revezamento: os vendedores de churros compravam amendoim, os de amendoim compravam queijo coalho, os de queijo coalho alugavam cadeiras e os locadores das cadeiras compravam churros. Traficantes tentavam passar cocaína por farinha, beach clubs transformavam-se em galerias de arte, onde eram expostos brincos de pena e imãs de geladeira das falecidas pontes. Instalou-se, assim, o gulag turístico.

As mercadorias outrora vindas de fora, começaram a ser produzidas na ilha, e logo havia uma fábrica em cada esquina. As pessoas só falavam com quem também estava na ilha e, em algum tempo qualquer, já se comunicavam em um novo idioma. A história foi sendo esquecida, e apenas o que aconteceu na ilha permaneceu.

Mas, mesmo assim, ninguém estranhou quando os carros pararam. Ninguém estranhou quando os sons sumiram. Ninguém estranhou quando o vento não bateu. Ninguém estranhou quando as facas não cortaram, as cortinas não mexeram e a luz não se fez luz. Ninguém estra-

nhou quando os celulares não tocaram. João. João estranhou. Tentou

ligar para o continente, e não conseguiu. Gritar e não saiu. Nadar e a água não deixou. Morrer e o tiro não entrou. Andar, andou. Tentar, também. João decidiu comer bolachas de água e sal com requeijão e ler os livros que gostaria de ler.

Não foi diferente com Antônio. Via de seu apartamento, todas manhãs, os carros que continuavam parados, esperando sua vez de cair na água. Ia agora para o trabalho a pé e não se preocupava em passar no mercado. A comida acabara mês passado. No trabalho, não se preocupava em levantar de sua mesa para ir até a cafeteira. O café acabara. A vida perdera o sentido.

Os habitantes da ilha, apesar disso, comemoraram por não precisar mais ter contato com o continente. Agora eram uma nação independente. Não precisavam mais ter que obedecer ordens de outros que nem ilhados estavam, teriam suas próprias regras, sua própria cultura e, ainda, poderiam gerar uma nova espécie, a sua nova espécie.

Chegaram a orquestrar toda uma inauguração da Independência: imprensa posta, marchinha das crianças da cidade, hasteamento da nova bandeira. Pum pum pum. Adeus, Continente e o Inferno. Assim se desataram os ilhéus, felizes, do continente. Quando longe, já bem longe, na entrada do profundo oceano Atlântico, o governante eleito da cidade percebeu que, na verdade, a ilha estava indo em direção a África. Pânico geral, meu Deus. Exasperados com a saída, esqueceram-se do trajeto. Rapidamente os pescadores da ilha se colocaram ao norte, lançaram suas redes em busca de cardumes que os pudessem levar nessa direção. Ao sul, todos os surfistas fazendo altas manobras de maneira que a água fizesse ondas, empurrando a ilha ao norte. Tudo televisionado, é claro. Estavam aliviados. Ultrapassaram o Equador e o Câncer. Queriam chegar na Europa, esse era o sonho. Estava perto a Europa, meu amor. Chegando, na costa da Grã-Bretanha, todos festejavam. Mas tudo acabou com uma declaração que dinamitou o otimismo: "Não aceitamos estrangeiros", disseram os ingleses, "mas aceitamos as tainhas".

Ninguém percebeu quando a comida acabou e começaram a morrer de fome. Nem João, lendo seus livros, percebeu. Sem café há alguns anos, Antônio nem se importou.

E quando todos, finalmente, morreram, ninguém enterrou.

Autores: Amanda Cristina Moreira, Arthur Caldas de Oliveira, Caio Martins Jory, Fernanda Andrade Fachin, Helena Paula Zanin, Leonardo dos Santos Pinheiro, Mateus Mendes Gigante, Mateus Mossmann Trindade, Mayron Moreira Campos de Oliveira e Claudia Resem.

Glauco

A cachorra salta, fios de baba saem de sua boca aberta e ela agarra, ainda no ar, o galho arremessado por Glauco, pousando com a suavidade de um elefante suas quatro patas no chão. A cachorra faz a volta e corre com seu corpo grande e gordo em direção ao menino magrinho. Ao se aproximar, escorrega nas folhas secas e, então, cachorra, galho e menino rolam o morro gramado abaixo. Glauco ri. Senta-se. A cachorra marrom permanece com as quatro pernas pro ar ao lado do garoto. O menino fica de pé e observa sorrindo a cachorra se contorcer coçando as costas no chão. Glauco ouve sua mãe chamar para jantar.

- Vem, Cila! Vem menina! - diz o garoto batendo palmas, a cachorra levanta de um pulo. Os dois, a cachorra quase maior do que o menino, descem o restante do morro até a casa amarela alguns metros abaixo.

Algumas horas depois, Glauco fecha a porta do quarto e apaga a luz. Senta-se na cama com seu pijama branco com listrinhas azuis. É uma criança franzina e pálida, parece ter muito menos que seus oito anos. Ouve Cila uivando no jardim. Abre a janela e chama a cachorra baixinho. Usando toda sua força, puxa Cila e a ajuda a entrar no quarto. A cachorra cai desengonçadamente no chão, imediatamente levanta-se e salta na cama, aninhando-se entre as cobertas. Glauco deita-se a seu lado, puxa a cobertura sobre os dois e abraça a cachorra. De madrugada Cila acorda e começa a choramingar tentando pular a janela para fora do quarto. Em vão Glauco cochicha para Cila fazer silêncio e tenta acalmá-la fazendo carinho em sua cabeça. Por fim desiste e, com dificuldade, coloca a cachorra para fora novamente, ela desaparece no jardim. Ele deita na cama e volta a dormir.

Fora de casa um vulto humano se esgueira da varanda para as árvores do jardim. Se esconde atrás do tronco de uma grande figueira e observa Glauco por a cachorra para fora. Em suas mãos, um grande pedaço de carne.

Glauco acorda algumas horas depois ouvindo o choro da cachorra. O relógio marca cinco da manhã. Chama Cila e ela não aparece. O garoto pula a janela e encontra a cachorra deitada há alguns passos. Seu corpo treme com espasmos fortes. Glauco berra pela ajuda dos pais. Cila começa a espumar pela boca e a ter fortes contrações abdominais. Seus uivos de dor se tornam mais altos. Uma diarreia líquida escorre por suas pernas. Os pais de Glauco chegam e tentam afastar o menino da cachorra. Explicam ao garoto, que chora copiosamente, que é tarde demais para levá-la ao veterinário. O menino se nega a sair do lado do animal que agoniza. Coloca a cabeça de Cila em seu colo e faz carinho nela até que os últimos tremores se aquietem e o grande corpo jaza imóvel.

A mãe de Glauco observa a cena de cenho franzido. Suspira e entra em casa com passos pesados.

O pai do garoto pega uma pá e cava uma grande cova no jardim. O menino ajuda a embrulhar o corpo da cadela num cobertor e a colocá-lo na cova. Quando acabam de enterrá-la, o céu começa a ficar alaranjado com a aproximação do amanhecer. O pai insiste para que o garoto vá se deitar. Glauco diz que vai logo e fica sozinho no jardim silencioso. Calmamente caminha entre as plantas e colhe todas as flores que encontra. Coloca todas sobre o túmulo.

Eu prometo, Cila, que vou descobrir quem foi.

O menino deita ao lado do túmulo com a coleira de Cila nas mãos e adormece.

Por volta de oito da manhã a mãe encontra o menino e o leva no colo até seu quarto. O despe do pijama e o coloca na cama. Pega uma saco de lixo e joga as roupas do menino sujas de terra e fezes da cadela agonizante dentro.

Era um pijama tão bonitinho... - resmunga. Vê a coleira da cadela e também a coloca no saco. Sai do quarto sem fazer barulho.

Você não precisa ir á escola hoje. - diz o pai durante o almoço. Glauco mexe a comida no prato sem pôr nada na boca. Silêncio.

Vocês gostavam da Cila? - pergunta o menino.

Você precisa parar de pensar nisso, Glauco. - responde a mãe séria. Não vou parar. Vou descobrir quem foi!

Os pais trocam olhares apreensivos.

Glauco, foi muito triste o que aconteceu mas já deu, já acabou. Não quero você se metendo em encrenca. Eu tenho que sair logo para trabalhar, seu pai vai ficar com você hoje à tarde.

Não precisa, quero ir pra escola. Quero contar pros meus amigos.

Filho, você precisa de um tempo para aceitar o que aconteceu. A gente pode se distrair, jogar alguma coisa, ver um filme...

Não! - diz o garoto soltando os talheres na mesa. - Se vocês não quiserem me levar pra escola, eu fujo e vou a pé!

Os pais trocam novos olhares.

Está bem. Se quer tanto ir, vá se arrumar então.

A criança sai correndo da mesa. Os pais ficam em silêncio até ouvir a porta do banheiro ser fechada e o chuveiro ligar.

Sabe, Circe, às vezes fico surpreso com o comportamento do Glauco. Ele é muito sensível.

Tenho medo que se meta em encrenca com os vizinhos com isso de "descobrir quem foi".

Também tenho. Mas ele é criança. Logo passa.

Foi horrível o jeito que Cila morreu. Muito cruel. É claro que a gente se revolta.

Claro. Vou levá-lo pra aula e aviso na escola o que aconteceu, peço pra ficarem de olho nele hoje.

No fim da tarde, após a aula o menino entra no carro da mãe afoito, dá um beijo nela e coloca o cinto de segurança no banco de trás.

Como foi a aula?

Falei com todos os meus amigos, eles também vão investigar quem matou a Cila.

Ah, não, Glauco! Não quero você perturbando mais ninguém com isso. Imagina um monte de criança incomodando os outros por aí.

Mas mãe, isso é importante! Você não entende - diz o garoto frustrado. - Eu amava ela, mãe.

O trânsito das seis da tarde está caótico. O céu e a ventania anunciam uma tempestade próxima. Circe desvia por pouco de um motoqueiro que a ultrapassa pela direita. Um grande caminhão carregando um leva-entulhos muda de pista e se enfia na frente do carro de Circe. Eu entendo, Glauco. Mas descobrir quem foi não vai trazer a Cila de volta. Essas coisas acontecem. É triste, mas acontece.

Mas quem fez isso é uma pessoa horrível, mãe. Foi veneno! Eu pesquisei na internet! Deve ter sido chumbinho, que é um veneno de rato! Essa pessoa é a pior pessoa do mundo. A gente tem que saber quem é. Você tem que entender, mãe! - diz o garoto elevando a voz.

Pra quê? Que diferença vai fazer, saber quem é, filho? Talvez a Cila estivesse incomodando alguém. Ela era muito barulhenta. Quando a gente tiver outro cachorro, um pequeninho, que dê menos trabalho, a gente cuida melhor dele, deixa dentro de casa talvez.

Eu não quero outro cachorro, mãe! Não quero! Não quero! - berra Glauco, batendo os pés dentro do carro. - Quando a gente descobrir quem foi, vamos contar pra todo mundo!

Para com isso, Glauco!

A chuva começa a cair. Circe freia com força e, por um triz, escapa de bater no caminhão à sua frente que para repentinamente para desviar um pedestre que atravessava as pressas. No reflexo, Circe segura sua bolsa que quase voou do banco do carona para o chão do carro. Nesse movimento esbarra no painel e liga o rádio sem querer. O volume está muito alto.

Vamos botar no jornal da escola! - continua berrando Glauco. - Pixer a casa da pessoa inteira! Vamos fazer todo mundo saber que essa pessoa é um monstro! Um monstro, mãe!

Calma, Glauco! Você tá me deixando nervosa!

Circe tenta desligar o rádio, o botão emperra, o trânsito ganha velocidade perto da via-expressa. Ela procura com o tato o botão do volume e vê que algumas tábuas no entulho do caminhão da frente chacoalham perigosamente, parece que se soltaram. Decide trocar de pista rapidamente. A chuva se torna mais forte e o vidro começa a embaçar. Circe desiste do rádio, procura o botão do ar-condicionado e dá seta, mas não consegue espaço para fazer a mudança. Glauco chora:

Vou fazer a vida dessa pessoa virar um inferno, mãe! Eu juro! Eu juro!

Glauco, para!

Essa pessoa tem que morrer mãe do mesmo jeito que a Cila! Eu vou matar essa pessoa, mãe!

O caminhão freia novamente e, pelo vidro embaçado, Circe vê as tábuas soltas vindo na direção do carro, freia e desvia as tábuas, o carro roda na pista e bate no que vinha atrás. A bolsa de Circe voa pelo carro e o fecho abre, espalhando suas coisas. Quando o carro para, Circe encara Glauco que, com a testa cortada, olha assustado o pequeno frasco com o desenho de um roedor morto cheio de bolinhas metálicas que cai à seu lado no banco de trás.

LENA

Profunda contemplação
do universo de recônditas cavernas,
oceano em mim.
Caos.

Eu releio.
O princípio.
Hoje amarga. (Mais amarga?)
Quantas vezes a mesma coisa?
O mesmo sal, as mesmas voltas. A mesma saudade e o recomeço...
Quantas vezes a partida? Um mundo de rostos doloridos. E é isso? O
eterno retorno dentro da mesma vida.

Chuva dentro de mim. Eu no quarto, observando. O dia cinza... E
mais nada.

Chega ao ponto de eu já tratar como doença corriqueira.
Uns dias de cama,
dor no coração,
dor na pele,
dor de ilusão mesmo,
de entrega não correspondida.
Ressaca.
Tem remédio não, só tempo.
Umás semanas, um mês.

E Godot?
Não existe Godot.
Não existe Godot.
Não existe Godot!
Não existe Godot...

RAFAEL

Rafael tinha cabelos enrolados e branquinhos e aquela expressão serena de quem sabe ter feito grandes coisas e dá por concluída sua missão na vida. A notícia de que o tumor já tinha se espalhado e devorado boa parte de seus órgãos foi recebida com uma aparente calma, mas não sem tristeza, especialmente por parte dos familiares por quem era muito querido. Ele tinha apenas mais alguns dias de vida que seriam passados à base de fortes medicações para dor e em estado de semiconsciência. Ainda poderia, quem sabe, passar um último Natal junto à família. 99 anos era um bom tempo de vida. Estava satisfeito.

Aquela noite estava quente, Rafael acordou de madrugada e percebeu sua velha irmã dormindo na confortável poltrona ao lado de sua cama. Estavam num quarto da antiga casa na fazenda que habitavam quando crianças. Insistência dele. Quando ganhou dinheiro suficiente como juiz comprou a fazenda em que seus pais trabalhavam como caseiros há quase um século atrás. Era um grande orgulho para família de origem humilde ter como parente o primeiro negro a virar juiz no país. Durante todo o dia dezenas de moradores da cidadezinha tinham feito fila à porta de seu quarto para vir lhe trazer flores, se despedir, relembrar causos da juventude ou agradecer pelos anos de serviço justo prestados à sociedade. Rafael suspirou e empurrou a cortina da grande janela junto à sua cama. A noite brilhava límpida do lado de fora. À luz da lua podia divisar o contorno das árvores e, prestando muita atenção, chegava a sentir o cheiro do jasmineiro e das camélias. Foi quando, distante, quase num eco, ouviu a risada de uma criança. Curioso, espichou o pescoço e conseguiu perceber um vulto pequeno correndo pelo jardim. O garoto rapidamente se enfiou entre as folhagens embaixo de um grande carvalho. Rafael com muito esforço ajustou os travesseiros em suas costas franzinas e se recostou na cama de forma que pudesse observar melhor o que acontecia no jardim. Depois de uns poucos minutos o garoto voltou a aparecer, agora aparentava trazer alguma coisa em suas mãos que carregava com muito cuidado. Qual não foi a surpresa de Rafael quando o garoto correu feliz até próximo de sua janela e depositou no beiral uma pequena caixa de madeira, bastante suja de terra. O menino não deveria ter mais que sete anos e dele emanava uma etérea luz azulada. Rafael, pensando tratar-se de um anjo que viera visitá-lo próximo da hora final, correu a fazer o sinal da cruz. O menino então aproximou sua mão do vidro da janela e ficou esperando. Rafael, como que encantado, procurou fazer o mesmo. Quando seus dedos tocaram o vidro, o velho ouviu a voz suave do menino lhe falar, embora ele não movesse os lábios:

- Olá, Rafael. Sou um silfo, um espírito elemental do ar que você deve conhecer como "fada". Sua hora está próxima, você possui um grande coração mas seu trabalho ainda não acabou. Você ainda tem uma última missão à realizar para que possa partir leve e em paz.

Durante muitos anos você fez poucos julgamentos precipitados, o que, para um humano, é realmente notável, e decidimos lhe dar essa oportunidade de reparar um grande mal. Dentro desta caixa está uma pequena lembrança de madeira à qual demos o poder de lhe transportar para qualquer memória de sua vida, dando-lhe a possibilidade de observar de outros ângulos situações que você achou ter percebido de forma muito clara. Observe a vida à sua volta e você saberá que lugar deverá visitar. Adeus, logo nos veremos novamente.

Rafael viu o menino se desvanecer pelo ar e sentiu um sono muito profundo. Quando despertou o dia já ia alto e ele pode sentir o cheiro dos doces de Natal sendo assados. Admirou-se de dormir tanto tempo. Sentia-se rejuvenecido e profundamente curioso a respeito das palavras do silfo. No beiral da janela não havia nenhuma caixinha pela manhã e Rafael questionou-se se tudo não passara de um sonho. Soltou alguns pigarros e percebeu que sua garganta estava muito boa. Até decidiu levantar-se, soltou a presilha que atava o soro à cama e foi lentamente caminhando até a cozinha. Chegando lá deparou-se com a irmã chorosa revirando nas mãos um pequeno artefato de madeira. Era uma pequena flor muito bem esculpida. Sobre a mesa estava a caixinha que o menino deixara na noite anterior. Quando a irmã viu Rafael na porta, correu a puxar uma cadeira para sentá-lo. Ficou feliz de ver que o irmão conseguira sair da cama e agarrou-se àquela pequena esperança que surge ante a melhora repentina dos doentes pouco antes da morte.

- Por que chorava, irmã?

- Aconteceu algo muito estranho, Rafael. Encontrei hoje esta caixinha que enterrei no jardim quando tinha 15 anos. Havia esquecido de sua existência. Me traz recordações muito tristes.

Rafael observou mais atentamente a pequena flor de madeira na mão da irmã. Parecia lembrar-se vagamente de já tê-la visto muitos anos antes. *Mas onde? Onde?*

- Pertencia a Luiz, filho do Senhor Fiodór, lembra-se? O farmacêutico.

Fiodór... Claro!

- Ah, pobre irmã. Quisera eu que você jamais precisasse recordar dessa violência. Era tão menina, quando aquele crápula lhe arrastou até a plantação e... Sorte que chegamos a tempo. Mas ele pagou pelo que fez. A justiça não falha.

- Não, Rafael. Ele fugiu, não recorda-se? Nunca mais o vi.

- Irmã, ele foi preso alguns anos depois. No dia de seu casamento inclusive. Não lhe contamos na época mas achei que a esta altura você já saberia. Ele teve a audácia de voltar à esta cidade e estava perambulando em volta da igreja enquanto você recebia o santo sacramento. Mas foi logo reconhecido apesar da barba longa e dos

cabelos desgrenhados. Dei-lhe 20 anos de cadeia e mandei-o para muito longe.

- O que você diz, Rafael? Luiz voltou?

Disse a irmã caindo em prantos enquanto acariciava a pequena flor com os dedos enrugados.

- Não tema, irmã. Nunca mais soube dele, mas já deve ter morrido há alguns anos...

- Ah, você não sabe de nada, irmão...

- Eu sei. Sei de muita coisa. Sei que vivemos num mundo cruel em que negros e mulheres por muitos anos foram oprimidos. Em que nossas vozes foram podadas. Quantos casos julguei em que mulheres negras foram abusadas por jovens brancos e cheios de dinheiro. Quanta perseguição sofri por ser o único que tinha coragem de me erguer contra eles e mandar os jovens ricos para a cadeia. Mas com a ajuda do senhor Deus sempre pude exercer a justiça e muito me esforcei pra que esta cidade fosse de fato um lugar com mais igualdade de direitos entre pessoas de todas as cores e de todas as classes. A justiça precisa ser vista considerando a estrutura estabelecida na sociedade. Oprimidos e opressores, já está tudo desenhado. Fiquei tão feliz quando você decidiu estudar. Você sempre me encheu de orgulho, irmã. Quando decidiu ser uma engenheira e enfrentar o preconceito da sociedade. E que grande mulher, forte e independente, você se tornou!

- Nem tão grande assim, Rafael... Nem tão grande...

- Ora, não seja boba. O que te dói tanto?

Ela levantou-se, a flor caiu de sua mão e rolou pelo chão, mas ela olhava para o horizonte sem parecer se dar conta. Saiu em silêncio da cozinha e caminhou em direção ao seu quarto... Rafael permaneceu na cozinha encucado com o que acabara de acontecer. Logo Tobi, o cachorrinho manchado da família, entrou na cozinha abanando o rabo e começou a xeretar o chão, feliz, chegou até a flor e voltou-se alegre para Rafael, saltando sobre seu colo e largando o pequeno item sobre suas pernas a fim de roê-lo. Rafael espantou o cachorrinho de seu colo e pegou o objeto babado. Ao tocá-lo, no entanto, sentiu-se desvanecer e desmanchar no ar e logo viu-se do lado de fora da casa, como era há mais de meio século atrás. Era noite e o grande carvalho brilhava iluminado pela lua. Rafael ouviu cochichos e risos em volta do carvalho e aproximou-se para observar. Sentia-se jovem e sem nenhuma dor. Ao dar à volta no grande tronco, que surpresa ao ver sua irmã, muito jovem abraçada à Luiz. Os dois não perceberam sua presença. Cochichavam apaixonados e se beijavam entre os troncos da grande árvore. Rafael viu Luiz tirar do bolso, enrolado em um delicado lenço de algodão, a pequena flor e entregar à irmã. Ela, feliz, agradeceu-o e disse que sentia medo de que os pegassem escondidos. Que achava que deveriam fugir logo. Ele insistia que precisavam esperar ele juntar mais dinheiro para que fosse

independente e não precisasse mais da aprovação de sua família, que afinal, jamais aceitaria sua relação com uma mulher negra. Ela dizia que só tinha medo do mau julgamento caso a relação deles fosse descoberta e isso prejudicasse sua família que amava muito e que finalmente começava a ser respeitada e conquistar espaço numa sociedade preconceituosa em que irmão lutara muito para se tornar juiz. No entanto, apesar das conquistas, negros e brancos ainda eram vistos como seres diferentes e uma relação entre eles seria encarada como uma grande afronta na pequena cidade. Ele disse que tentaria acelerar as coisas. Rafael sentiu-se novamente desvanecer e quando abriu os olhos, estava outra vez na cozinha com o cão sentado a seu lado mordiscando seus dedos da mão.

Rafael, muito abalado, levantou-se e caminhou com dificuldades até o quarto da irmã, bateu na porta várias vezes e finalmente empurrou a porta sem que a irmã respondesse. Ao entrar no quarto deparou-se com a irmã deitada na cama abraçada a um travesseiro. Como era diferente agora, perto dos 80 anos, com cabelos brancos e muitas rugas na pele. Quase irreconhecível. Ele sentou-se à seu lado e passou a mão em seus cabelos finos. Ela soluçou.

- Por que não me conta?

- Ai, tive medo, Rafael. Aquele dia deveríamos ter ido embora, eu insisti, planejei tudo. Ele estava apaixonado. Cedeu. Eu deixaria uma carta dizendo que fui para São Paulo estudar. Há um tempo que já falava disso para nossos pais... Que moraria com nossos primos. Eles ficariam tristes com a fuga, mas compreenderiam, teriam uma história para contar. Quando descobrissem já seria tarde. Ninguém na nossa cidade estava pronto para aceitar a relação de uma negra com um homem loiro, Rafael. Seríamos novamente rejeitados. Prejudicaria todos vocês. No entanto, o jardineiro passou mal aquela noite e resolveu passear pelo jardim pra respirar uns ares e nos ouviu. Nos seguiu e imaginou o que todos vocês imaginaram... Que ele estava tentando abusar de mim, como tantos outros faziam com as moças negras. Quando o jardineiro acordou toda a casa e soltou os cachorros fiquei em choque, não conseguia falar. Luiz olhava para mim sem saber o que fazer. Pensei em você e fiquei com medo de acabar com sua reputação. Fiquei quieta. Ele percebeu que eu recuara, tocou o cavalo e fugiu. Eu fiquei sem falar por vários meses. Não negava a versão de todos, mas também não conseguia de fato confirmar... Depois decidiram enterrar a história. O pai de Luiz logo partiu para outra cidade e nunca mais apareceu... Até hoje imaginava que Luiz tinha tomado um rumo na vida e me esquecido... Ah, Rafael... Nunca imaginei...

- Tampouco eu, minha irmã. Não me ocorreu ouvi-lo em nenhum momento. Imaginei que estava louco ou que mentiria ou que não entenderia que o que fez pudesse ser considerado crime, como tantos outros que imaginam que as mulheres existem para que eles possam dispor delas a seu bel prazer. Especialmente as jovens. Isso sempre acontecia. Tudo estava contra ele. As estatísticas. Os precedentes. Pobre homem...

- Será que ele ainda vive, Rafael?
- Creio que não, minha irmã. Quando apareceu na cidade no dia de seu casamento, sua saúde já parecia abalada. Ele perambulava como um mendigo.
- Gostaria de saber qual foi seu fim.. Sinto muita culpa, Rafael.
- Não sinta, você foi pressionada por uma sociedade em que o racismo estava profundamente arraigado. Hoje, talvez, não houvesse problema algum na relação de vocês acontecer. Foram muitos anos de luta para que isso começasse a se transformar. Eu é que, jovem e com sede de justiça, acabei me precipitando e trocando os pés pelas mãos... Mas talvez haja algo que possamos fazer...

Rafael pegou o pequeno amuleto deixado pelo silfo, o segurou com muita força e fez uma pequena prece.

- Querido Silfo, já conheço o mal que fiz a esse homem. Me arrependo profundamente e gostaria de poder repará-lo.

O ar se encheu de um perfume suave de jasmim e o pequeno silfo materializou-se. A irmã de Rafael olhava surpresa para o menino que sorria de volta para ela.

- Luiz fugiu para Ouro Preto. Alugou uma pequena casa e viveu recluso por dois anos. O homem que alugava a casa para ele compadeceu-se de sua história e virou um grande amigo. Luiz casou-se com a filha dele, por insistência dela, mas jamais conseguiu amá-la verdadeiramente. Quando um viajante contou de seu casamento para ele, alguns anos depois, Luiz abandonou tudo que tinha e saiu perambulando como um andarilho. O resto da história vocês já conhecem. Ele morreu na cadeia, em Recife, 10 anos depois de ser julgado por você, Rafael. O sogro dele, viciado em jogos, acabou perdendo tudo que tinha e sua filha, grávida na época em que Luiz foi embora, morreu dando à luz uma menina. Essa história prossegue com uma sucessão de tristeza e miséria por mais duas gerações. Vocês estão prontos para conhecer o bisneto de Luiz?

Rafael e a irmã olharam-se, tocados e ansiosos. Deram as mãos e afirmaram com um movimento de cabeça. O silfo se aproximou e tocou seus rostos. Ambos sentiram-se sendo sugados para um túnel de luzes azuladas até pousarem suavemente no chão de uma praça onde um bebê se remexia abandonado entre panos dentro de uma mala no pé de uma árvore. A irmã de Rafael aproximou-se do bebê e o pegou no colo com cuidado. A criança tinha os olhos redondos e verdes de Rafael. Não deveria ter nascido a mais de 3 horas. Não havia ninguém por perto.

- A mãe dele está muito doente e não sobreviverá as próximas horas. Cuidem desta menina que é a última descendente de Luiz.

O silfo aproximou-se tranquilamente da velha senhora que aninhava, emocionada, o bebê em seu colo e de Rafael e pegou-os pela mão. Eles sentiram uma chuva muito fina tocar seus rostos e foram sugados para o mesmo túnel de luz azulada. Já em casa, trataram de colocar o bebê confortavelmente entre travesseiros na grande cama de dossel. A velha senhora olhava encantada para a menina que dormitava tranquila.

- Um jovem moço baterá à sua porta procurando casa e trabalho amanhã. Abrigue-o, ele será um bom pai para a menina. Rafael, sua hora está próxima, não carregue o peso da culpa pelo que aconteceu à Luiz, você foi apenas um dos muitos actantes dessa teia de maus acontecimentos que envolvem toda a sociedade. Estamos fazendo o que é possível fazer agora. Perdoe-se. Em dois dias virei buscá-lo. Gostaríamos que após sua passagem você se unisse a nós, seres do ar, em nosso reino etéreo, se assim for de seu desejo.

O silfo soltou um riso feliz de criança e desapareceu no ar, deixando no quarto o doce perfume de flores. Dois dias depois Rafael vestiu sua roupa mais colorida e aguardou tranquilo que sua hora chegasse. Fez sua passagem rodeado por amigos em ambas as dimensões com uma serena sensação de esperança.

Carol

"Mas, eu notei onde caiu o dardo de Cupido. Caiu em uma floresta do ocidente. Numa pequena flor, antes branca como o leite, agora purpúrea da ferida de amor" - Oberon

Ela vivia rodeada de pedras,
 quartzos,
 cristais,
 turmalinas.

Tinha sinos na janela e incensos feitos a mão.
Dizia sentir a energia da natureza,
 das árvores,
 do mar...

E dizia ver coisas que as outras pessoas não viam.
 Aura.
 Alma.
 Fadas.
 Essas coisas.

E ela acreditava em duendes.
 DUENDES!

Não era fácil conviver com Carol.
Sempre uma ideia mais maluca que a outra.
Na família era tratada como lunática.
Largou os estudos antes de concluir o Ensino Médio.
A vida na escola se tornou insuportável.
Melhores notas, futuro promissor...
Pelo menos era o que ela tinha antes de começar a dizer que dava doces aos gnomos para que redigissem seus trabalhos.

Carol nunca conseguiu...
 Lidar...

- Isabel, essa noite, vou encontrar Oberon...

Disse a menina com olhos sonhadores enquanto dobrava suas roupas de tecidos leves e claros e fazia uma pilha sobre o sofá.
- Quem?

Perguntou a irmã, erguendo os olhos do celular com rugas na testa.

- O rei dos elfos.

- De onde você tirou isso, Carolina?

Isabel se ajeitou no sofá com olhos atentos na irmã.

- Sonho de Uma Noite de Verão. Assisti ontem à noite.

- O de 1935? Com aquele figurino péssimo?

- Não, o de 1999. Com o Rupert Everett. Com aquele figurino... Menor.

Disse Carol, abraçando um vestido bordado com margaridas.

- É só um filme, sua besta.

- Não é não, Isabel. Muito antes já era uma peça e, se você quer saber, Shakespeare era um místico. Ele sabia das coisas. To te dizendo!

- E eu posso saber onde você pretende encontrar este ser, sua maluquinha?

Carol parou por uns instantes de dobrar as roupas e olhou para irmã com aquele olhar de confiança marota.

- No bosque atrás de casa.

- Como? O rei dos Elfos vive no nosso jardim?

- Claro que não, boba. Mas ele virá. Já sabe que eu acredito. Ele sente. Acendi uma vela na janela. É só ir ali na floresta, a noite, com uma coroa de alfazemas. Ele virá.

Isabel suspirou. Massageou as têmporas enquanto observava Carol cantarolando tranquilamente.

- E supondo que existam elfos e reis de elfos, porque você acha que ele pararia tudo no seu mundinho mágico, largaria sua esposa deusa da floresta, e viria aqui, nessa cidadezinha de bosta, encontrar você no mato? Aliás... De onde você tirou "coroa de alfazemas"?

- Não sei como ou porque ele virá. Só sei. Sinto que tenho que ir. E nua, só com uma coroa de flores na cabeça.

Disse, risonha.

- Parece que você faz para provocar, Carolina! Você tem tomado seus remédios?

Carolina, ficando repentinamente séria, respondeu a irmã com voz pausada e carinhosa como quem fala com uma criança.

- Sim. Tenho tomado meus remédios, Isabel. Não estou todo o tempo no mundo da lua, não. Há anos que vocês me tratam como se eu fosse louca. Eu percebo. Eu ouço suas conversas. Mas nem ligo. Diferente de vocês, eu sei o que é real. Um dia vocês também verão, quando estiverem prontos pra ver. Se as vezes eu conto pra vocês essas coisas é pra que saibam o que aconteceu comigo se eventualmente eu desaparecer...

- Carolina, você quer me deixar louca? Olha, não é culpa minha se te tratamos assim. Se você quer ser tratada como uma pessoa normal, é fácil! pare com essas coisas de sair pelada na floresta. Aja como um ser normal! Arranje um namorado, um trabalho, acabe o ensino médio! Você precisa seguir em frente!

- Não, não, mana. Não sou eu, o mundo é que está doente. Vocês que precisam parar de pensar e começar a sentir... Vou fazer minha coroa de flores.

Isabel esperou a irmã sair e correu pro telefone.

"Oi, Clara? É a Isabel. A Carol tem ido nas consultas? Suspeitei. Ela quer sair de novo. Não sei mais como prender ela em casa. Esquizofrenia? Também acho que não, mas não tem outra explicação. Será que não está na hora de pensar em internação? Andei falando com a mãe. Estamos cansadas... Existe forma de aumentar a dose dos medicamentos? Pelo menos pra ela ficar mais tranquila... Ok. Amanhã levo ela aí. Obrigada.

Desliga.

"Talvez", pensou Isabel, "talvez o melhor seja deixar ela sair de uma vez..."

Carol ouvia tudo na extensão do telefone. Desligou com cuidado, suspirou e continuou a tecer sua coroa. Na verdade, há muito tempo que substituía seus remédios por balas de açúcar. Não precisava disso, nublava seus sentidos. Há muito tempo também que havia superado o trauma que a levou ao psiquiatra. Aos 15 anos encontrara o corpo de seu pai pendurado no candelabro da sala de estar, já esverdeado e com a língua pra fora. Foram meses sem dormir e sem conseguir ficar sozinha. Mas foram nestes meses também que aprendeu a aquietar sua mente e começou a "ouvir a natureza e os espíritos da floresta". E o que seus irmãos e sua mãe não sabiam é que ela tinha recebido sinais. De manhã ao abrir a janela encontrou uma flor muito verme

lha, num pé de rosas brancas! Brancas! Imagine só? Não havia outra explicação.

Estava uma noite quente, ainda assim os pelos de seu corpo se eriçaram quando o vento bateu na pele nua. Outros detalhes que sua família desconhecia é que havia feito uma cópia da chave do cadeado da janela de seu quarto... E que gostava de se banhar no lago do jardim nas noites de lua cheia. A casa já estava silenciosa há mais de uma hora. Com o corpo ainda molhado, colocou a coroa perfumada sobre sua cabeça. O resto do longo cabelo castanho caia como um véu sobre suas costas. Sentia-se estranhamente calma, com a tranquila certeza dos que acreditam. Abriu o portão dos fundos sem ruídos. Conseguia enxergar relativamente bem o caminho entre as árvores da floresta iluminada pela grande lua. Caminhou poucos minutos até chegar na clareira. E ele estava lá, sabia que estaria. Era diferente do filme, é verdade, muito mais bonito. Uma luz suave e dourada emanava de seu corpo magro e forte. Também estava nu. Uma grande juba cacheada cobria sua cabeça, cheia de flores e folhas. E dentre os cabelos, meu Deus, eram galhos? Longos chifres como os de um cervo saiam de sua cabeça. Ele estendeu a mão, a floresta de repente acendeu com uma nuvem de vagalumes. Os galhos das árvores abriam passagem enquanto ele caminhava. Toda a floresta vibrava, tão viva quanto ela. Ele tocou sua testa. Ela imediatamente viu muitos elfos e fadas surgirem dentre as árvores e a própria floresta soava uma música hipnótica. Ele iniciou os festejos e todos rodopiaram toda a noite numa incansável dança de corpos em transe.

De manhã, dolorida e satisfeita, deixou tranquilamente que a irmã a levasse ao Hospital Psiquiátrico para que aumentassem novamente a dose de medicação [que ela novamente não tomaria]. Ela estava certa! Um dia eles entenderiam...

Carmen ou A vida dentro de uma panela de pressão

(roteiro inacabado)

CENA 1

INT - ÔNIBUS - FIM DO DIA

Carmem (24) está sentada no banco da janela em um ônibus lotado. Olha pela janela. Seu semblante é o de uma pessoa exausta. A partir daí imagens sucessivas retratando o que está descrito na narração vão se intercalando. Algumas coisas são memórias de Carmen, outras ela observa pela janela do ônibus.

SEQ. de IMAGENS

Carmem no ônibus; Carmen correndo para a aula; Carmen chegando em casa e alimentando os gatos; Carmen acordando de manhã às 6 horas; Carmen conversando com o pai; Carmen contando as moedas para pagar o pão; o namorado chamando atenção de Carmem que olha para o nada; Carmen lendo e-mails; Carmen lendo textos de aula; Carmen trabalhando; Carmen dando banho nos gatos; Carmen indo ao banco; Carmen lavando louça; Carmem chorando dentro do ônibus; Carmen lavando roupa; O rosto das pessoas dentro do ônibus. Carmem olhando pela janela do ônibus e vendo: o viaduto, uma pessoa dormindo na rua, a polícia cercado uma passeata, a polícia arrastando um mendigo, uma pessoa tocando flauta sentada no meio da calçada, um morador de rua rodeado de cães, uma pessoa chorando, o presídio, pessoas passando sem olhar umas para as outras, prédios, comércios, pessoas trabalhando, um catador de papelão, crianças indo para a escola. Carmen se aperta entre as pessoas do ônibus, puxa a cordinha. Desce do ônibus.

CARMEN (OFF)

Preciso de tempo. Tempo, tempo, tempo. O tempo corre. O último mês nem vi, juro, e olha que não tava dormindo. Tava é correndo ou cansada demais pra ver. A vida pressiona. A faculdade pressiona. O relógio pressiona. Meu pai me pressiona. Dinheiro pressiona. A política pressiona. Namorado pressiona. Eu me pressiono. A vida dentro de uma panela de pressão não é nada fácil. Todo o tempo penso que não vou aguentar mais e tenho vontade de chutar tudo. Chutar a tampa da panela e sair correndo e dormir no gramado mesmo, entre a ponte e o viaduto, entre as inúmeras pistas de asfalto do centro, e comer comida do lixo, e dormir na areia da praia, e viver do jeito que der, que talvez, por fim, seja mais saudável que assim. Ou não. Talvez eu não viva muito. Talvez eu morra de fome ou de frio, talvez eu seja estuprada, talvez eu seja espancada pela polícia, talvez eu seja espancada e estuprada pela polícia. A violência faz pressão. Se você não é produtivo, não existe um lugar pra você nesse mundo. Se você não é bom em alguma coisa, se você fracassa, não existe um lugar pra você. Onde vivem os fracassados? Onde vivem os que não

aguentam? Eu não aguento mais esse ritmo. Sinto o corpo pifando, choro o tempo todo. Caminho entre montanhas de pessoas que parecem tão perdidas e cansadas quanto eu, mas ninguém se olha. Ninguém olha, ninguém olha. É uma tática também, de controle da população, não é? Te deixar tão cansado e com a cabeça tão cheia que você não tem energia suficiente pra se envolver com os problemas dos outros. Dos outros. Quase tudo agora é problema dos outros. E eu que nem sei mais quem ou o quê ou quando ou onde sou? Mas assim não dá, não dá mais... E é por isso que cheguei a esse ponto de ter lampejos doidos. Preciso... Conseguir... Tempo. Tempo para existir de fato, não desse jeito. Muita gente pode achar que pirei, e provavelmente pirei mesmo, mas há vantagens na loucura, por exemplo, por mais absurdo que pareça, eu consigo crer que posso roubar o tempo dos Deuses... Só que preciso de ajuda.

CENA 2

INT - QUARTO DE RODRIGO - NOITE

Carmen está sentada na cama de Rodrigo (25) numa "kitinete dê um cômodo só, mais banheiro". Ela observa o quarto. A janela dá para uma parede de concreto. Ouve-se o som de um trânsito caótico lá fora. Rodrigo acaba de preparar um sanduíche em cima de uma mesa improvisada.

RODRIGO

Gostou? Desculpa a bagunça. Eu me mudei faz umas semanas mas ainda não deu tempo de arrumar direito. A faculdade tá fogo. Fim de semestre.

CARMEN

Sei como é... Você ainda faz bico na cantina?

Rodrigo corta o sanduíche ao meio, usa dois pedaços de saco de pão como guardanapos e entrega um sanduíche pra Carmen.

RODRIGO

Faço. A gente faz o que precisa, né? Pra ser bem sincero, não sei se vou conseguir acabar o curso... A cidade é muito cara, tá difícil me manter com estágio. Você sabe, né? Quer beber alguma coisa? Tem uma cerveja, eu acho...

CARMEN

Não, obrigada. Tenho que escrever um trabalho depois. Melhor não. Obrigada pelo sanduíche.

RODRIGO

Imaginei que você tava com fome. Esse congestionamento é foda. Às vezes leva duas horas pra eu conseguir chegar em casa. Chego com o

estômago se comendo já.

CARMEN

Mas hoje vim sentada como uma rainha.

CARMEM e RODRIGO

Dei/Deu sorte!

Riem

RODRIGO

Mas me conta, o que deu em ti pra resolver visitar minha mansão em Copacabana?

CARMEN

Então, olha... O assunto é bem delicado. São três coisas importantes. Na verdade queria falar com você porque... Preciso da sua ajuda. Não fica chateado comigo, mas ouvi uma conversa sua esses dias lá na cantina, com o Caio.

RODRIGO

Eita, você ouviu aquilo é? Mas não pensa mal de mim não, as vezes bate um desespero.

CARMEN

Imagina, eu que não devia ter ficado ouvindo, mas... Fiquei curiosa. Você sempre me pareceu uma pessoa tão pra cima, nunca pensei que passasse pela sua cabeça...

RODRIGO

Morrer? Pois é...

CARMEN

Então... Eu...

RODRIGO

Carmen, se você veio aqui pra me dizer que a vida é boa, que o cansaço é temporário... Eu sei. Agradeço mas não precisa. Minha vida não é realmente ruim, eu acho... É só que o mundo não dá uma folga. Passo muito tempo exausto pra conseguir ganhar uma miséria de dinheiro, não dou conta de fazer mais nada direito. Vivo frustrado com tudo que só consigo fazer pela metade por mais que me esforce. As vezes eu só queria descansar. Desculpa descarregar isso tudo em você.

CARMEN

Pode falar. Eu também sinto isso... Eu só queria poder parar e respirar, sentir o vento bater no rosto, rabiscar numa folha sem preocupação. Sem a pressão de saber que tem mais quinze trabalhos pra

entregar que eu deveria estar fazendo... e que provavelmente não vou conseguir... Eu sei, Rodrigo.

RODRIGO

Sabe que chego a sentir culpa por estarmos tendo essa conversa? Sei que meu pai diria...

CARMEN

"Se tem tempo pra conversar, tem tempo pra escrever..."

RODRIGO

Isso.

CARMEN

Eu entendo, Rodrigo. Eu também ando bastante cansada. Às vezes, por mais que eu tenha pressa ou tente me concentrar, parece que meu cérebro para de funcionar e me pego olhando pra parede e considerando... coisas malucas.

RODRIGO

Mortes rápidas.

CARMEN

Mortes rápidas... Você morreria comigo?

RODRIGO

Que conversa maluca, Carmen.

CARMEN

Responde. Eu não teria coragem sozinha.

RODRIGO

É estranho. Eu não me importo de morrer, mas não me parece certo que você morra.

CARMEN

E se eu tiver certeza? Se eu for fazer com ou sem você?

RODRIGO

Então sim.

CARMEN

Por isso que preciso de você, entende? Porque pessoas que chegam ao nosso ponto podem considerar hipóteses loucas. O que eu vou dizer é loucura, mais que morrer...

RODRIGO

Fala.

CARMEN

Sabe a exposição de artefatos gregos que está no museu da praça XV?

RODRIGO

Sei.

CARMEN

Eles tem a roca de Láquesis. E tem um louco na deep web que acredita ser possível fazer feitiços relacionados ao tempo com ela e está pagando um milhão para quem conseguir entregá-la pra ele.

RODRIGO

Você tá falando sério? Você quer assaltar o museu?

CARMEN

Quero.

RODRIGO

Por isso...

CARMEN

Sim. Sei que você já assaltou várias casas, Rodrigo. Eu sabia da exposição e fui rápida pra falar com o cara. Garanti que conseguiríamos. É nossa chance. Você precisa desarmar os alarmes...

RODRIGO

Eu não faço mais isso há algum tempo, Carmen. As tecnologias mudaram. Não sei se consigo... Se der errado, vamos ser presos...

CARMEN

Não vai... Vamos levar uma arma. Se der tudo errado, antes de sermos pegos a gente estoura nossos miolos...



POSFÁCIO

KARL

Ele tinha olhos de taberna [com intrincados desenhos castanhos].
Aqueles olhos de quem conhece as inquietações de ser terreno, mas
de quem tb foi além... De quem voa alto e conhece os prazeres di-
vinos e mundanos. Aqueles olhos... Que puxam.

- A partir de agora você não deverá mais abrir os olhos - disse a
lagarta soprando uma fumaça de várias cores no rosto de Alice -
Me diga o que você vê?

- Eu estou na beira do mar. As ondas estão agitadas... À alguma
distância há uma neblina densa. É noite. Estou nua.

- Você está só?

- Não. Ele está aqui, de pé ao meu lado. Também nu. Observa o mar
em silêncio.

- O que mais você vê?

- A lua crescente alta no céu. Há uma barraca aberta próxima.

- O que você está fazendo?

- Eu danço. Ele sorri.

- Quem é ele?

- Um sátiro. Um demônio. Um homem.

- Quem é você?

- Uma mulher. Uma medusa...

Eu toco o corpo dele - floresta, labirinto. Minha mente corre. Me
conecto a ele. Sei onde ir. Conheço os caminhos. A energia flui na
mesma direção. Minhas mãos passeiam. Meus lábios passeiam. Per-
corro sua pele, todas as estradas de uma cidade fantasma.

- Como te sentes?

- Livre.

- Como te sentes?

- Tenho medo.

- Do que tem medo?
- Da separação dos corpos. Do não-uno. Tão raro. Queria tê-lo conhecido numa época em que era possível o amor.
- Amor?
- Numa época de não-medo.
- Diga a ele.
- Não.
- Onde estão?
- Deitados na areia. Ele sobre mim.
- Diga a ele!
- Tento. Brinco. Fujo.
- Do que tem medo?
- De passar pela fuga dele. Quero que ele vá embora.
- Diga a ele.
- Não.
- Diga em silêncio.
- Puxo o corpo dele pra mim. "Desejo que você seja feliz. Desejo que voe. Desejo que vá para onde quiser. Desejo que não hajam amarras ou correntes. Que você vá. E que não veja as lágrimas se formando. Não olhe agora!"
- Você o ama?
- De certa forma. Como se ama os humanos. Como se ama as ilusões, as aventuras ou as fugas. Quero que ele saia da minha mente. Quero que não passe do ponto. Quero que não doa. Quero uma partida suave. Uma vida suave.
- Passou do ponto?
- Talvez. Um pouco.
- Diga a ele.
- "Se eu tivesse algum bom-senso não deveria mais te ver". Foi um bom tempo. A vida real chama. Tem pressa!

- Você não controla, Alice. Você não controla. Solte a corda,
Alice... Você não controla...

A voz vai ficando distante. A fumaça perde o colorido, o som do mar enche a barraca. Abro os olhos e vejo você a meu lado, silencioso, olhos perdidos em um ponto qualquer. Te abraço por um segundo infinito. Registro a sensação. Pode ir... Pode ir...

